

O perdão

O perdão é acima de tudo uma fantástica manifestação de amor por parte daquele que perdoa.

Amar os que nos amam é absolutamente natural. O fato de uma mãe amar os seus filhos a ponto de dar a sua própria vida por eles é uma coisa normal e encontramos exemplos disso até mesmo no reino animal.

Por outro lado, amar os que nos são desafetos e perdoá-los quando nos agredem e ofendem é coisa difícil, pois vai contra a nossa natureza.

O perdão é algo tão elevado que o ditado popular diz que o errar é humano e perdoar é divino!

O homem só veio a conhecer o verdadeiro perdão através de Jesus. Antes de Jesus o perdão praticamente não existia.

No Velho Testamento o perdão não era estimulado, mas sim o revide (Ex.21:24 e 25; Mt.5:38 e 39).

Alem disso, no Velho Testamento o perdão pelos pecados estava condicionado aos sacrifícios de animais (Lv.4:20, 26 e 31; Lv.5:10, 13 e 16; Lv.6:7, etc.)

A expectativa de perdão era tão pequena naquela época, que Caim declarou que sua transgressão não tinha perdão (Gn.4:13). Tratava-se exatamente da mesma perspectiva funesta que hoje vivem muitos que não têm consciência do perdão irrestrito proporcionado por Jesus Cristo, nosso salvador. Quem já não ouviu alguém dizer que para si ou para o “fulano de tal” não há mais jeito?

No Velho Testamento, quem alcançasse perdão era um felizardo. Bem por isso Davi declarou no Sl.32:1 que aquele cuja transgressão fosse desconsiderada seria um bem-aventurado. A palavra “bem-aventurado” significa “feliz” ou “felizardo”.

A única manifestação de perdão no Velho Testamento foi quando José perdoou seus irmãos que por inveja o abandonaram naquela cova. Creio que isso ocorreu pelo fato da atitude de José tipificar o perdão de Jesus em relação aos compatriotas judeus que o condenaram.

Com exceção desse episódio, só vemos naquela dispensação da Lei o ódio, a incompreensão, a inveja, a ira e a falta de longanimidade.

No Velho Testamento, o perdão nunca era total, por isso o perdão não eximia do castigo. Conforme Natã profetizou, Davi foi perdoado, mas seu filho nasceria morto, o que realmente aconteceu (II Sm.12:13 a 15).

Por viverem debaixo dessa lei, os judeus vivem até hoje numa atmosfera de ódio aos seus inimigos eternos. Por ocasião do “Bar-Mitzvah”, o jovem judaizante jura ódio eterno àqueles que perseguiram seus ancestrais, tais como Torquemada e outros inquisidores, Sixtus IV e alguns outros papas anti-semitas, Hitler e outros nazistas, os cruzados da idade média e os árabes em geral.

Pela tradição dos fariseus, o limite para se perdoar alguém por uma ofensa era 7 vezes, provavelmente com base em Pv.24:16. O ex-fariseu Simão Pedro tinha esse conceito, o qual foi, porém, reprovado por Jesus em Mt.18:21, 22 e Lc.17:3 e 4.

Ninguém pode dizer que ama se não perdoa. Quem tem dificuldade para perdoar também tem dificuldade para amar.

Nossa medida de perdão ao próximo deveria ser na mesma medida pela qual também fomos perdoados por Deus (Mt.6:12; Lc.11:4; Ef.4:32 e Cl.3:13).

Não tem sentido qualquer religiosidade sem o exercício do perdão (Mc.11:25).

Quem não perdoa o próximo também não deveria esperar pelo perdão de Deus (Mc.11:26; Mt.18:35), pois na “oração modelo”, chamada do “Pai nosso”, Jesus assim ensinou.

A grande diferença em termos de expiação é que no Velho Concerto o perdão vinha somente após a oferta de sacrifícios de animais e libações. No Novo Concerto o perdão veio através do sacrifício único de Jesus Cristo, independente de qualquer obra ou atitude que venhamos a fazer (Cl.2:13 e 14).

No Novo Concerto só há um pecado que não é perdoado. Ele é também chamado “blasfêmia contra o Espírito Santo” (Lc.12:10; Mt.12:31 e 32).

Mas alguém perguntaria: “porque esse pecado não tem perdão?”

O Espírito Santo é quem convence do pecado; é quem santifica; é quem guia e quem dá o entendimento (Jo.14:26 e 16:8 e 13). Pecar contra o Espírito Santo é não permitir que ele aja dessa forma nas nossas vidas.

O perdão dos pecados vem através de Jesus. A santificação vem através do Espírito Santo.

O ministério de Jesus caracterizou-se pelo perdão associado a conscientização. Quando Jesus esteve diante daquela mulher surpreendida em adultério Jesus não a condenou, porem advertiu-a para que não pecasse mais (Jo.8:10 e 11). Os fariseus pretendiam apedrejá-la, como determinava a Lei, porem Jesus preferiu manifestar-lhe uma atitude de perdão associada à conscientização de seus pecados.

Até o fim de seu ministério Jesus perdoou. Quando estava na cruz, pediu ao Pai que perdoasse aqueles que não sabiam o que estavam fazendo (Lc.23:34).

Para finalizar, consideremos as seguintes afirmações, que nos exortam para a prática do perdão:

- A soberba e o orgulho dificultam o perdão.
- A prepotência e a falta de humildade dificultam o perdão.
- Quem “não dá o braço a torcer” tem dificuldade para perdoar.
- Quem gosta de andar com o “nariz empinado” tem dificuldade para perdoar.
- Quem quer sempre ter razão e dar a última palavra tem dificuldade para perdoar.
- Quem não gosta de olhar nos olhos dos outros tem dificuldade para perdoar.

Oswaldo Carvalho